

MEMÓRIAS SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA CIDADE DE JAGUARUANA-CE (1960-1980)

KAMILLO KAROL RIBEIRO E SILVA

Doutorando em História-UFC. E-mail: kamillosilva@gmail.com

ANA DANIELLA DAMASCENO

Professora da FLATED. E-mail: anadaniellad@hotmail.com

Introdução: “Deixe eu lhe contar como era, aí você vai saber”¹

A pergunta apressada havia sido: como foi desenvolver um trabalho de educação popular, com ênfase na alfabetização de adultos, em Jaguaruana, nos anos de 1970? A resposta não foi como eu imaginava. Esperava ali um “*Foi difícil!*”, “*Foi complicado!*”, “*Não havia recursos!*”. Mas o que escutei foi a história da vida de alguém que estava, através da religião, ligada à educação. Logo percebi que a Irmã Dionísia era uma narradora exemplar. Inspirado nesse relato, construído por uma mulher que viveu, no referido período, a experiência da implantação de um programa de alfabetização de adultos, decidi iniciar este estudo.

A fala da Irmã Dionísia remete-se a um tempo conturbado da História do Brasil. Em 1963, a experiência de alfabetização criada por Paulo Freire e aplicada na cidade de Angicos – RN havia sido bem sucedida. Em 45 dias, 300 adultos foram alfabetizados. A comprovada eficácia da prática efetuada em Angicos disseminou a experiência por várias partes do país, como por exemplo, no bairro Quintas, em Natal-RN, na Vila Helena Maria, em Osasco, São Paulo,

¹ Entrevista realizada com a Irmã Dionísia Andrade Costa, no dia 18 de agosto de 2005, em sua residência, na cidade de Jaguaruana. Ir. Dionísia foi importante na organização do sistema educacional daquela cidade. Por meio de suas mãos e do pároco da cidade, o Mons. Raimundo de Sales Façanha (Pe. Ducéu), foi criador o Órgão Municipal de Educação de Jaguaruana, um dos mais antigos do Estado do Ceará. Como religiosa e educadora desenvolveu vários trabalhos no município ligados à área de educação popular, artes, ofícios e ensino religioso.

em Brasília e nos municípios da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro.² Embora no Ceará não se tenham muitos registros desta época que versem sobre experiências educacionais baseadas na concepção freireana, não podemos negar a existência de tentativas de aplicação do método, além, é claro das vivências produzidas pela Igreja Católica através do Movimento Cáritas e do MEB – Movimento de Educação de Base.³

A perspectiva educacional de Paulo Freire, contudo, não agradou à gestão do país nos meses e anos subsequentes, já que a mesma partia da realidade dos estudantes, em busca de despertar nestes, a consciência crítica para sua condição de oprimidos. A ditadura militar extinguiu as experiências revolucionárias baseadas na pedagogia freireana, exilou Paulo Freire, resignificou suas ideias e criou uma nova experiência educacional. O MOBREAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização, instituído pela Lei Nº. 5.379, de 15 de dezembro de 1967, propôs-se copiar parte dos ensinamentos freireanos: buscava alfabetizar partindo de palavras-chave, advindas do cotidiano do povo, mas as esvaziava da criticidade inerente aos significados que cada palavra adquiria no mundo dos mais pobres. Frases como “*a seca secou a cisterna de Sebastião*”, que em Paulo Freire servia também para discutir a realidade do sertanejo e o impacto social do fenômeno da seca, viraram apenas pretexto para o ensino das famílias silábicas.

Para entender como se deu este conflito nas curvas do tempo, a partir do estudo de um objeto cujos registros escritos são escassos, optamos pelo trabalho com as memórias e as narrativas orais.

² Cf. MANFREDI, Sílvia Maria. *Política e Educação Popular – Experiências de Alfabetização no Brasil com o método Paulo Freire – 1960-1964*. 2ª. Ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1981. p. 105-120.

³ Dom Pompeu Bezerra Bessa versa em seu livro a existência de ciclos de leitura aplicados por ele na cidade de Limoeiro do Norte, nos primeiros meses do seu episcopado. Cf. Bessa. Dom Pompeu Bezerra. *A antiga freguesia do Limoeiro*. Notas para a sua história. Fortaleza-Ce: Premius Editora, 1998. p 127.

Segundo Jacques LeGoff, celeiro do tempo, a memória é a matéria concreta que nos ajuda, a partir de coordenadas motivações, a interpretar o passado a partir do presente. “A memória, onde cresce a História, que por sua vez dela se alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”.⁴ Desta forma, passei a encarar o conhecimento individual dos narradores desta pesquisa – em especial das falas da Irmã Dionísia e do Padre Ducéu, como uma produção documental em que se destaca uma correlação de forças existente entre suas memórias e aos padrões sugeridos pela sociedade. Por isso o que eles dizem é tão importante.

A memória explícita uma rede de relações que está em todos os lugares e em todos os momentos do campo social.⁵ Ou seja, está na memória, através de todos os seus suportes, as questões que nos ajudarão a compreender melhor os temas e a problemática deste escrito.

A cidade de Jaguaruana viveu intensamente uma grande mudança prática e teórica no processo de alfabetização dos seus adultos e por conseguinte, na formação de seus professores. Segundo a Irmã Dionísia, na segunda metade da década de 1960, naquela região se desenvolviam vários projetos que tinham por base a perspectiva freireana de educação. De acordo com a entrevistada,

O Paulo Freire fundou esse método em Recife, era mais ou menos, antes do golpe. O Julião trabalhou com isso naquelas ligas camponesas que ele fundou, o cinturão verde, junto com Miguel Arraes, sabe? E o Paulo Freire, para esse povo, ele desenvolveu o método. Era um método de consciência crítica. E eu fiz esse curso em Picos. Alguém foi dar o curso lá e eu o fiz e quando eu cheguei aqui, repassei. Então nós tínhamos várias turmas funcionando com o método do Paulo Freire. Tinha uma turma na Capelinha dos Cardeias, outra

⁴ Le Goff, Jacques. *Memória e História*. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p 17

⁵ De acordo com Durval Muniz, “O discurso daquele que viveu revela, e muito, além do que foi muitas vezes estudado”. Cf. Albuquerque Jr. Op. Ct. p. 43.

no Alto, outra no Tabuleiro, nas várias comunidades. Tinha em Russas, Limoeiro, vários cantos.⁶

Com o Mobral, as iniciativas que funcionavam ligadas aos órgãos municipais de educação e à igreja católica, como os grupos de alfabetização criados pelo MEB, foram substituídas pela diretriz imposta pelo Governo Federal, já que na época, o universo educacional e suas práticas, no que diz respeito à política pública, eram pensados de forma predominante na esfera da União, e de lá, as ideias eram disseminadas para o resto do país.

Dois motivos são marcantes para a efetivação deste novo processo: primeiro, toda ação educacional que buscasse a conscientização, como bem enfatizou a Irmã Dionísia, era naquele momento mal vista pelas autoridades, e, portanto, uma ameaça; segundo, as ações de alfabetização que se desenvolviam, passaram a ser assistidas por recursos federais destinados ao Mobral, tendo em vista os objetivos do programa.⁷ A iniciativa teve um crescimento extraordinário nos dois primeiros anos de sua aplicação, demonstrando seu caráter assistencialista e conservador. Segundo Monsenhor Ducéu, vigário geral da Diocese de Limoeiro do Norte na época, o Mobral passou de 120 turmas em 1971 para mais de 500 em 1972, em toda a região.⁸

⁶ Irmã Dionísia Andrade Costa. Entrevista citada.

⁷ Inicialmente, o MOBREAL foi criado como uma fundação que tinha por objetivos: 1. Promover a educação de adultos analfabetos, financiando 1/3 do seu custo; 2. Cooperar com movimentos isolados de iniciativa privada; 3. Financiar e orientar tecnicamente cursos de 9 meses para analfabetos entre 15 a 30 anos, com prioridade oferecida aos municípios com maiores possibilidades de desenvolvimento sócio-econômico. No final da década de 1970, atravessando uma crise interna entre as práticas do programa e os interesses da UNESCO, o MOBREAL passou a ser uma unidade executora de uma campanha de educação de massa. E neste contexto, tais iniciativas foram encampadas. Cf. PAIVA, Vanilda. *Educação popular e educação de adultos*. São Paulo: Loyola, 1973. pp. 292-298.

⁸ Raimundo Sales Façanha – Pe. Ducéu, realizada no Pólo de lazer de Jaguaruana – CE, no dia 25 julho de 2004. O Pe.Ducéu foi vigário de Jaguaruana por 43 anos. Durante este tempo desenvolveu vários projetos sociais e educacionais na cidade.

Ora, o trabalho de pesquisa que tem como fonte principal a memória passa por caminhos árduos e muitas vezes invasivos. O primeiro desafio é trabalhar com algo que está vivo – a lembrança, sabendo que o resultado será uma vitrine de interpretações, que troca suportes e desagrega sentimentos.⁹ Migra-se do oral para o escrito, dá-se para os relatos status de conhecimento.

Diante de tudo isto, a afirmação da Irmã Dionísia acerca desta transição foi inspiradora. Segundo ela, a perspectiva de alfabetização do Mobral foi instalada em toda região, contudo, nos grupos que ela acompanhava continuava-se aplicando as perspectivas freireana de conscientização, diálogo e criticidade. Ela relembra:

Eu dei muitos cursos para professores do Mobral. Eu era convidada pra ir pra Russas, pra ir pra Aracati, pra ir pra Itaíçaba, porque eu já tinha noção do método de Paulo Freire. Era Mobral, mas eu sempre dizia pro povo continuar a trabalhar com o sistema do Paulo Freire. Sabia que não podia. Eu dizia para que eles dissessem que era Mobral, mas por trás da coisa, procurassem desenvolver a criticidade dos alunos. Funcionou assim por muito tempo.¹⁰

As memórias da Irmã Dionísia guardam o conflito, vivo dentro de si até hoje. O desejo por revolução, concretizado, primeiro em seu corpo, quando optou pela vida religiosa e depois em sua alma, quando, partindo dos ensinamentos da igreja, desejou criar o mundo novo proposto pelos ensinamentos de um Cristo diferente – aquele que fez sua opção preferencial pelos pobres, tornava-se gesto concreto nas salas de aula espalhadas pelos caminhos que percorria à época.

⁹ Para o historiador Durval Muniz, “*O historiador tem que romper estas memórias usando de aparatos teórico-metodológicos para constituir-se enquanto saber*”. Albuquerque Junior, Durval Muniz de. *Violar memórias e gerar história: abordagem de uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um “parto difícil”*. Recife, Clio, Série Nordeste, n 15, 1994, pp. 39-52.

¹⁰ Irmã Dionísia Andrade Costa, Entrevista realizada pelo autor deste projeto no dia 18 de agosto de 2005. Jaguaruana – CE.

A narradora revive, através das lembranças, as prerrogativas libertárias, constitutivas do método de alfabetização e aprendizagem por ela tão celebrado, visto que podemos afirmar que, em Freire, educação é uma relação dialética entre todas as partes constituintes do mundo. Segundo ele,

Uma visão crítica do processo educacional, e, portanto da alfabetização, passa pela necessidade que temos, educadores e educadoras, de viver, na prática, o reconhecimento óbvio que nenhum de nós está sozinho no mundo. Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros.¹¹

Estar no mundo com outros, significa também, sob a ótica freireana, ter a oportunidade de aprender com o outro, na medida em que nos identificamos entre si e nos reconhecemos, através do diálogo.

Desta forma, entender a distância entre estes dois mundos, significa pensar, através das memórias da Irmã Dionísia, que alcança social o pensamento freireano de educação teve, especificamente, na experiência do Mobral, já que os ciclos de alfabetização que funcionavam a partir do pensamento de Freire, em tese, já comparilhavam desta ideia.

Para Freire, a alfabetização é uma prática dialética que deve construir no educando uma consciência reflexiva do mundo. A partir desta vivência educativa, o alfabetizado passaria a ser agente do mundo e para o mundo, abandonando a condição de “objeto” e assumindo a postura de “sujeito” da história. Para Paulo Freire, a educação

haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição. Uma educação que lhe propiciasse a refle-

¹¹ Freire, Paulo, *A importância do ato de Ler* em três artigos que se completam. São Paulo “C SP: Cortez Editora. 1987. Col. Polêmicas do nosso tempo. V. 4. p. 30.

xão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade”.¹²

Era com tal pensamento que a Irmã Dionísia trabalhava e era por ele que ela tanto temia. A experiência de formar professores no contexto entre as décadas de 1960 a 1980, nas cidade do Vale do Jaguaribe e especificamente em Jaguaruana, atendia, em certa medida, o que podemos chamar de iniciativa primaz, visto que os docentes eram formados pelos curso normais oferecidos de forma deficitária na região e o magistério com formação superior ainda era um sonho distante, embora, a partir de 1968, tenha sido fundada, na sede da diocese, a cidade de Limoeiro do Norte, a faculdade de filosofia Dom Aureliano Mattos.

Trabalhavam à época, na cidade de Jaguaruana, professores normalistas, profissionais livres que atuavam na docência, tais como engenheiros agrônomos, advogados e médicos e, na sua grande totalidade, professores leigos, que tinham atingido o ginásio, realizado no Grupo escolar Manuel Sátiro ou iniciado o curso normal no Centro Educacional Cônego Agostinho, instituição onde trabalhavam a Irmã Dionísia e Padre Ducéu.

Formação de Professores e prática docente: o Centro Educacional Cenecista Cônego Agostinho no contexto

Fundado em 1961, o Centro Educacional Cenecista Cônego Agostinho era, como já diz sua própria denominação, uma escola ligada à CNEC – Campanha Nacional das Escolas da Comunidade, iniciativa datada do ano de 1943, fruto da ação destacada do jovem Felipe Thiago Gomes, então estudante do histórico Ginásio Pernambucano.

O estudante criou um movimento chamado Campanha do Ginasiano Pobre, que, durante anos, mudou de nome e permaneceu com a característica inicial que era oferecer escolas gratuitas, sobre

¹² FREIRE, Paulo. *A educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro, 1967. p. 107

o controle e gestão da comunidade, fundamentada num grande espírito de coletividade e celebração cultural.¹³

Na década de 1960, durante o movimento expansionista da CNEC pelo Brasil, mais de 30 escolas foram criadas no Estado do Ceará, sendo o Centro Educacional Cenenista Cônego Agostinho uma delas.

O primeiro diretor da escola foi o pároco da cidade, o Mons. Aluísio de Castro Filgueiras. Entre 1968 a 1971, assumiu a direção da escola o sr. Antônio José da Silva, professor e ex-seminarista. No ano de 1971, foi a vez do Mons. Raimundo de Sales Façanha – Pe. Ducéu, conduzir os destinos da escola. Ação que executou por 30 anos. No período de atuação do Pe. Ducéu, temos as iniciativas educacionais de formação de professores, o fortalecimento do curso normal e, nos últimos anos, a parceria com as licenciaturas em regime especial oferecidas pela Universidade Vale do Acaraú – UVA.

Quando se estuda a história da educação do município de Jaguaruana, é costume referenciar-se a partir das atividades da Escola Manuel Sátiro. Hoje, pertencente à rede das escolas estaduais, a fundação deste estabelecimento de ensino data da década de 1930, quando funcionou sob o nome de Escola Reunidas de União e posteriormente, em 1949, como Grupo Escolar Manuel Sátiro.

Mas se é certo que a história da educação de Jaguaruana começa na Escola Manuel Sátiro – frase pintada no muro da escola, é mais certo ainda que a educação do município passa e se desenvolve a partir do Colégio Cônego Agostinho.

A dimensão afetiva presente na memória social da cidade e o aspecto coletivo das lembranças, faz com que o equipamento torne-se marco referencial das histórias sobre a educação do município. E, como personagens, Padre Ducéu e Irmã Dionísia são apenas dois

¹³ Para maiores informações a respeito do movimento cenicista no Ceará, consultar FERRER, S. M. V. A campanha nacional das escolas da comunidade “C CNEC e o “entusiasmo” pela educação ginasial no Ceará no período de 1958 a 1963. Dissertação de Mestrado defendida no programa de pós-graduação em Educação da UFC. 2010.

partícipes deste complexo e intrincado processo. Outros personagens igualmente importantes para a compreensão da história da educação do município de Jaguaruana, não são aqui abordados, visto que, para o que se propõem esta produção, é necessário destacar o pioneirismo e o nível de envolvimento com o conflito aqui exposto.

Padre Ducéu é, por assim dizer, responsável pela expansão do ensino e da formação docente na cidade de Jaguaruana, a partir das práticas desenvolvidas por ele e sua equipe à frente do Centro Educacional Cônego Agostinho. A irmã Dionísia por sua vez é responsável pela mudança (ou seria a permanência?) do paradigma formativo dos professores de primeiras letras do município, à época quando decidiu enfrentar a ordem vigente e desafiar as determinações do sistema, ao referenciar a formação de professores e, por conseguinte, a alfabetização de adultos nos moldes freirianos.

Considerações finais: o que fiz e o que ainda deve ser feito

Atualmente, conforme é destaque na academia brasileira, muito se tem feito e pesquisado sobre história da educação. O professor Dr. Jorge Nagle chama atenção para a natureza destes que hoje são produzidos no país. Para ele, muitos não passam do factual, desprezando o estudo sobre a atuação e a influência da escola no mundo. Refletindo sobre esta questão, devo dizer que a iniciativa prevista neste artigo, não se concentrou na questão de se fazer apenas um relato sobre determinados acontecimento e fatos. O que busquei foi conhecer o alcance pedagógico de algumas iniciativas de educação realizadas por dois personagens centrais – Irmã Dionísia e Padre Ducéu, durante parte dos 1960 a 1980, no processo de formação docente e alfabetização de adultos, assim como poder entender o diálogo existente entre o mundo e a escola, naquela época.¹⁴

¹⁴ Cf. NAGLE, Jorge. Palestra de abertura do I Encontro de Historiadores da Educação Cearense. IN: História e Memória da Educação no Ceará. Maria Juraci Maia Cavalcante (org.) Et. al. Fortaleza: Imprensa Universitaria, 2002. p. 10.

Foram os relatos orais, a matéria-prima para a escrita deste artigo, mas história, não se escreve apenas com uma única fonte. Isto me faz pensar que, no futuro, quando este artigo, vir a se tornar texto integrante de uma pesquisa, o caminho a tomar é buscar repostas em outros suportes da memória como, por exemplo, os documentos escritos, resultados das atividades docentes, como diários, relatórios, planejamentos, ofícios, entre outros.

Promover o diálogo entre as fontes. Eis a magia da operação historiográfica, isto é, da escrita da história. Conduzir o processo de modo a não contrapor os discursos existentes acerca do processo educacional daquele período, gerando um comportamento maniqueísta. Dá visibilidade às memórias dos professores e professoras, às impressões guardadas nas lembranças sobre o que eles pensavam ser a educação naquele período, através das narrativas e de outros documentos. Entender o alcance dos relatos que passeiam pelas conversas informais, mas que ainda não chegaram com força à História oficial. Servir-se da memória, para, enfim, escrever história.

Fontes e Bibliografia

Entrevistas

Dionísia Andrade Costa – 1940. Entrevistada em 18 de agosto de 2005.

Raimundo de Sales Façanha – 1935. Entrevistado em 25 de julho de 2004.

Livros e artigos científicos

ALVES, Nilda. *O espaço escolar e suas marcas: o espaço como dimensão material do currículo*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coordenadoras) *Usos e Abusos de História Oral*. 5 ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002 .

BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In. *Obras Escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. Brasiliense, Rio de Janeiro, 1976.

BESSA, Dom Pompeu Bezerra. *A antiga freguesia do Limoeiro: notas para sua História*. Fortaleza-Ce: Premium Editora, 1998.

BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder*. Petrópolis-Rj: Ed. Vozes, 1981.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. Lembrança de velhos. 3 ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. (Org.) *Biografias, Instituições, Idéias, Experiências e políticas educacionais*. Fortaleza: Editora UFC, 2003.

COSTA, Maria, JACCOUD, Vera, COSTA, Beatriz. *MEB: Uma história de muitos*. Petrópolis: [s.n.], 1986

FERREIRA NETO, Cicinato. *Estudos de História Jaguaribana*. Documentos, notas e ensaios diversos para a história do médio e Baixo Jaguaribe. Fortaleza: Prêmios, 2003.

FERRER, S. M. V. A campanha nacional das escolas da comunidade – CNEC e o “entusiasmo” pela educação ginásial no Ceará no período de 1958 a 1963. Dissertação de Mestrado defendida no programa de pós-graduação em Educação da UFC. 2010

FREIRE, Paulo. *A educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro, 1967.

_____. *A importância do ato de Ler* em três artigos que se completam. São Paulo – SP: Cortez Editora. 1987. Col. Polêmicas do nosso tempo. V. 4. p. 30.

_____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, Moacir. *Educação e poder: uma introdução à pedagogia do conflito*. São Paulo: Cortez, 1984.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. *A oralidade dos velhos na polifonia urbana*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.

JULIA, Dominique, *A cultura escolar como objeto histórico*. Rev. Brasileira de História da Educação. Campinas, Autores Associados, n. 1, ano 1, 2001.

LEGOFF, Jacques. *História e Memória*. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na primeira República*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

PAIVA, Vanilda. *Educação popular e educação de adultos*. São Paulo: Loyola, 1973.

POLLACK, Michel. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol 5, nº 10, 1992, p 200-216.

PORTELLI, A. *Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na História Oral*. Projeto História, São Paulo (15), abril de 1997.

THOMPSON, Paul. *A voz do Passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VILANOVA, Mercedes. *La historia sin adjetivos con fuentes orales y la historia del presente*. História Oral, 1, 1998.